

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM “UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA”, DE MIA COUTO

Ana Paula Beserra Rodrigues Freitas¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo a análise do romance – Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra (2003), do escritor moçambicano Mia Couto, à luz do conceito de identidade. Este romance traz uma narrativa contextualizada no pós-colonialismo em Moçambique e o enraizamento da tradição oral, numa saga familiar, escrita em linguagem poética. Neste artigo a identidade do narrador personagem será analisada, mediante a trajetória no romance, dialogando com autores cujo trabalho está relacionado ao tema abordado, como Homi k. Bhabha e Stuart Hall, para fundamentar a identidade adquirida e transformada ao longo do contexto abordado. Constatando como a ancestralidade e o sagrado está inserido na tradição africana, passada de geração a geração através da oralidade.

Palavras-chave: Tradição Africana. Oralidade. Ancestralidade.

ABSTRACT: This article aims at the analysis of the novel – A River Called Time, A House Called Earth (2003), by mozambican writer Mia Couto, in light of the concept of identity. This novel brings a narrative contextualized in post-colonialism in Mozambique and the rooting of the oral tradition, in a family saga, written in poetic language. In this article the identity of the character narrator will be analyzed, through the trajectory in the novel, dialoguing with authors whose work is related to the theme addressed, such as Homi k. Bhabha and Stuart Hall, to ground the identity acquired and transformed throughout the context addressed. Noting how ancestry and the sacred are inserted in the African tradition, passed from generation to generation through orality.

1731

Keywords: African Tradition. Orality. Ancestry.

INTRODUÇÃO

O romance Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra (2003), do moçambicano Mia Couto, traz como protagonista e narrador o jovem Mariano, um rapaz estudante universitário que saíra da ilha para estudar na cidade, retornando por motivo da morte do avô, Dito Mariano – o munumuzana, para participar do cerimonial fúnebre de acordo com os costumes da tradição. Entre os personagens da narrativa estão: os tios

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação Profissional em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas — PROCADI, Universidade De Pernambuco/ UPE, Campus Garanhuns — PE.

Abstinência e Último; a tia Adminança; a avó Dulcineusa; o pai Fulano Malta; a mãe Mariavilhosa; o padre Nunes; o médico Amílcar Mascarenhas; o coveiro Curozero com sua irmã Nyembeti; o taberneiro Tuzébio; o professor Juca Sabão; os Lopes: Frederico e Conceição; Miserinha; João Locomotiva; o avô Dito Mariano e o neto Marianinho.

Durante a narrativa, do início ao fim, a cosmovisão africana está presente no enredo, mostrando a ligação dos habitantes da ilha Luar-do-Chão com a natureza do lugar e o sagrado. Essa ligação nos remete à tradição oral em que a natureza tem vida, é respeitada e toda a matéria-prima dela retirada é mediante pedido de permissão à mesma, para a utilização no cotidiano da população. O chão, a Terra são de vital importância para a vida de cada morador da ilha; a casa Nyumba-Kaya é local respeitado pelos Malilanes; o rio é vida que separa a ilha da tradição, da cidade com hábitos brancos do colonizador. A ancestralidade é presente na vida dos moradores de Luar-do-Chão, o enredo acontece nos lembrando da importância e do respeito ao sagrado.

Os diálogos a seguir serão com autores cujo estudo segue a linha de pensamento – Tradição oral, sagrado, ancestralidade, identidade e diáspora como: Hampaté Bâ, Homi K. Bhabha, Hall, Boaventura, Mia Couto, Rudolf Otto, Paul Zumthor e Fábio Leite. Esses diálogos são uma forma de reflexão sobre a obra do escritor Mia Couto, o romance poético: Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra (2003), para nos elucidar – Como se constroem as múltiplas identidades? Ao aprofundar as análises teórico metodológica sobre o conceito de identidade pode se obter um vasto conhecimento oportunizando debates acadêmicos e visibilidades.

1732

A construção da identidade na vida de Marianinho com o retorno à ilha Luar-do-Chão, na narrativa do romance de Mia Couto – Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra (2003), traz uma perspectiva sobre a relação da identidade, da ancestralidade e do sagrado na vida da ilha e dos habitantes.

A Construção da Identidade do Protagonista

Esta narrativa é contada em primeira pessoa, em que o protagonista constrói identidades ao longo do enredo. Ao sair da ilha Luar-do-Chão, ainda criança, Marianinho foi morar na casa dos Lopes – Frederico e Conceição, mas depois conseguiu um quarto na residência universitária, mudando-se para esse lugar. A visita de Abstinência foi para avisar do estado que encontrava Dito Mariano o patriarca da família. Então o tio instruiu Marianinho a fazer logo a mala e embarcar no próximo barco para a ilha Luar-do-Chão.

Durante a viagem ele foi relembrando a identidade de seu pai e de seus tios, em que o mesmo conta, que os familiares eram muito diferentes; seu pai, o Fulano Malta, argumenta o narrador “Tinha a alma a flor da pele, já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto a injustiça colonial” (COUTO, 2003, p. 16). Seu tio Últímio, o mais novo, se desvirtuou de sua cultura, adquirindo um grande apreço pelo capitalismo. O tio Abstinêncio, o mais velho dos irmãos, trabalhara em uma repartição pública. Marianinho faz reflexões sobre as identidades dos tios e do pai, é um momento contemplativo, que ele faz durante a viagem de volta à ilha Luar-do-Chão. Durante a viagem se percebe que toda a família estava indo ao funeral. Afirma o narrador “A ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes, ou, no aportuguesamento: os Marianos” (COUTO, p.18).

Neste momento a narrativa nos remete às identidades construídas ao longo da caminhada. Relembrando a identidade de seu pai e de seus tios, Marianinho está agregando a sua própria identidade valores e costumes costurados ao longo do tempo por sua família e reafirmando a sua identidade em transformação. De acordo com o Bhabha:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2013, p. 29).

1733

Marianinho acabou adquirindo hábitos da cidade, onde morou um tempo, mas não esqueceu os costumes tradicionais de sua cultura, agregando e transformando seus processos identitários. O Bhabha afirma (2013, p.13) “Nesse contexto complexo, as políticas culturais e a luta que incorporam se trava em muitas frentes e em todos os níveis da cultura, inclusive a vida cotidiana, a cultura popular e a cultura de massa.”

Nessa viagem Marianinho contempla o rio, faz várias indagações sobre o que o espera na ilha, em meio aos pensamentos, conhece a velha Miserinha, uma senhora que já não enxerga bem, quase cega, mas com grande carga de conhecimento da tradição cultural e ancestral. Ao desembarcar, Marianinho e o tio encontram o médico Amílcar Mascarenhas, ele foi chamado para examinar Dito Mariano, pois os parentes precisavam saber se ele morreria de verdade. Ao pisar na ilha, Abstinêncio faz um ritual da tradição africana, agradecendo a viagem ao rio Madzimi. O narrador descreve “O homem trança, o rio destrança. Estava escrito o respeito pelo rio, o grande mandador. Acatara-se o costume” (COUTO, p. 26). Só depois do agradecimento ao rio os parentes se cumprimentaram. Diz

o narrador “Nada demora mais que as cortesias africanas. Saúdam-se os parentes, os idos, os chegados. Para que nunca haja ausentes” (COUTO, p. 26).

Ainda na chegada, Marianinho vê um pássaro o Mangondzwane, e Miserinha fala para ele das lendas e maldições em torno desse pássaro, representando o mal agouro, fazendo parte das lendas da tradição. Conforme o narrador “Ainda vejo numa parede o letreiro já sujo pelo tempo: ‘A nossa terra será o túmulo do capitalismo’. Na guerra eu tivera visões que não queria repetir. Como se essas lembranças viessem de uma parte de mim já morta” (COUTO, p. 27). Neste momento percebe-se uma crítica ao colonialismo português, ao capitalismo presente na vida dessa população. Esse povo já tinha lutado na guerra, pela libertação colonial, neste momento a narrativa fala de uma época pós-colonial, onde o lugar já tinha passado por lutas em prol da liberdade do povo e do território, mas as marcas do colonialismo e da decolonialidade estavam presentes no espaço e no tempo. Observa Hall (2013, p.118) “O termo se refere ao processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas.” A ilha Luar-do-Chão estava em decadência, em miséria. Mas ainda existia alegria da população, a natureza era sinônimo de vida. Ao chegar à Nyumba Kaya, Marianinho se refere a maior casa da ilha, um lugar muito importante para os Marianos, onde vivera seus ancestrais, e praticavam a tradição cultural de seu povo. Este retorno foi de mudanças, de aprendizados, de crescimento espiritual, fortalecimento da tradição cultural de seu povo, em que vivera um renascimento a partir das novas descobertas de sua identidade. Observa Hall:

A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2019, p. 09).

Na África os cerimoniais fúnebres são seguidos a rigor pela tradição, pois faz parte da passagem, para aquele morto não trazer mau agouro. No romance *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2003), o narrador faz referência à tradição no cerimonial de Dito Mariano. Mas algumas regras foram quebradas, pois pela tradição o responsável pelo cerimonial seria o filho mais velho o Abstinência. Na narrativa percebe-se que o responsável passou a ser Marianinho, o mais novo da família, em que ele não tinha passado pelo processo de iniciação, a circuncisão, sendo uma das regras dos costumes e da tradição africana. Observa Fábio Leite (2008, p.72-73) “Dentre os processos de introdução do indivíduo na sociedade, é possível distinguir-se duas proposições específicas, a socialização e a iniciação.

A Morte do Patriarca e a Tradição em África

A morte de Dito Mariano, o munumuzana, fez com que vários parentes viessem à casa Nyumba Kaya, para visitar o morto. Argumenta Fábio Leite:

Em princípio, qualquer tipo de morte guarda um caráter mágico e sobretudo exterior ao homem [...] como fruto de uma intervenção exterior que provoca a desorganização e separação dos elementos vitais constitutivos da pessoa e ocasiona o desfecho. (LEITE, 2008, p. 95).

Com a morte do patriarca, a avó Dulcineusa teme que outras pessoas da família do esposo venham reclamar herança. Afirma o narrador “Hão-de vir os outros, os da família de Mariano. Virão buscar as coisas, disputar os dinheiros. Eles olham para mim e veem uma mulher. Sou uma viúva, você não sabe o que é isso” (COUTO, p. 33). Nesse trecho a avó fala sobre a tradição patriarcal de Moçambique. Com a viuvez, Dulcineusa passa a ser a mais velha da família, a matriarca. Ela em gesto simbólico entrega as chaves da casa a Marianinho, já que o esposo o escolheu para defender as mulheres e a casa. Descreve o narrador “Você é quem o meu Mariano escolheu. Para me defender; para defender as mulheres, para defender a Nyumba Kaya. É por isso que lhe entrego a si essas chaves” (COUTO, p. 34). As chaves representam uma proteção aos moradores da casa, de maus espíritos, conforme a tradição.

1735

O médico Amílcar Mascarenhas é indiano, ele foi solicitado na casa dos malilanes, para atestar a morte de Dito Mariano, em que ele estava em estado de catalepsia, precisando esperar um pouco mais para realização do funeral, pois ainda não estava totalmente morto. O médico sofria segregação na ilha, por ser diaspórico. Conforme Hall (2013, p. 36) “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. [...] sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um Outro.”

De acordo com a tradição africana, é retirado o telhado da casa em caso de morte, para que o céu adentre a mesma. Assim foi feito, Dito Mariano ficou sob o céu estrelado, foi retirado o telhado da sala, lugar que ele ficou. A casa acomodava os parentes que vieram para a cerimônia e as mulheres da casa trabalhavam para alimentar toda a parentada. Nesse momento só o luto os torna da mesma família. Descreve o narrador “Em África, os mortos não morrem nunca. Exceto aqueles que morrem mal. A esse chamamos de ‘abortos’. Sim o mesmo nome que se dá aos desnascidos. Afinal, a morte é um outro nascimento” (COUTO, p. 30).

Durante os dias de luto, não poderia os parentes acomodados na casa do morto, ter relações sexuais, tinham algumas funções a serem cumpridas pela viúva, de acordo com o

narrador “Competia a ela e só a ela tratar do amortecido esposo: lavá-lo, barbeá-lo, mudar-lhe as roupas” (COUTO, p. 35). Para realizar o cerimonial precisava ser o filho mais velho e iniciado, mas Dulcineusa iria atender ao pedido de Dito Mariano, permitindo que o neto realizasse a cerimônia, mesmo sendo o mais novo, e como estava morando fora, não foi iniciado. A avó também chamou o padre Nunes para olear e benzer o morto, pois ela professava desse credo, mas Dito Mariano em vida não comungara dessa religião. Afirmo o narrador:

O falecido nunca aceitaria óleos e rezas. Respeitassem esse descrer. Dulcineusa não respeitou. A coberto da noite, ela se infiltrou na casa acompanhada pelo padre. E olearam o defunto, tornando-o escorregadio para as passagens rumo à eternidade. (COUTO, 2003, p. 41).

O defunto estava com problemas em realizar a passagem, então a família começava temer a feitiçaria. De acordo com Fábio Leite (2008, p. 105) “Os ritos de passagem têm início logo após o óbito e uma de suas manifestações revela a necessidade de caracterizar socialmente o fim da existência visível.” De tal modo, os funerais na África são respeitados e realizados de acordo com a tradição. Conforme Zumthor:

Não é pela analogia, e sim por outra maneira, que a voz poética se relaciona com a voz religiosa. Ela o faz em virtude de alguma identidade, parcial de fato, mas que por séculos foi sensível e produtora de emoção. Num mundo onde relações muito calorosas e muito estreitas ligavam na unicidade de seu destino os homens entre si e com a natureza, o campo de extensão do religioso, pouco distinto do mágico, era tão amplo quanto a experiência vivida. (ZUMTHOR, 1993, p. 80).

1736

Dito Mariano ainda não tinha permissão de fazer a passagem, pois precisava revelar uns segredos guardados a seu neto, para depois morrer. Pois o chão se fechou para não receber ele antes do momento certo. O coveiro Curozero não conseguiu cavar uma cova para enterrar o patriarca, pois os filhos queriam apressar o enterro, mas a terra se fechou em todos os lugares da ilha, só deixando enterrar o mesmo, em momento oportuno. Observa Fábio Leite:

Óbitos ocorridos por maldições, envenenamentos ou apropriação de energias vitais pelos ‘comedores de alma’ [...] não têm direito ao enterro em cemitério cuja terra, pelo artifício já indicado, rejeita lugar para a sepultura. (LEITE, 2008, p. 100).

Dito Mariano precisava consertar erros cometidos por ele, a Marianinho, pois entre os segredos tinha uma revelação para dizer ao neto, em que iria alterar sua identidade. Então o avô começou revelar os segredos ao neto em forma de cartas, em que ele tinha a função de ajudar a família, ajudar a salvar a ilha Luar-do-Chão e apaziguar os espíritos na Nyumba Kaya. Observa Rudolf Otto:

A expressão não revela nenhum sujeito propriamente dito, pelo menos nada consta, por ora, sobre a assombração em si. Aí nada ainda aparece das noções concretas da

nossa mitologia popular sobre “fantasma”, “espírito”, espírito dos mortos ou alma. A frase é mera expressão da sensação do inquietantemente misterioso que, numa primeira insinuação, apenas está começando a parir de uma noção de algo numinoso, de uma entidade transcendente. (OTTO, 2007, p. 164).

A partir do quarto capítulo do livro o narrador personagem começa a receber cartas anônimas. Nesse momento o enredo traz um pouco de suspense, pois elas contêm revelações a respeito de sua família, que ele desconhecia, por não saber quem está lhe mandando essas cartas conhecendo-o e os seus familiares, traz certa ansiedade ao narrador personagem.

As Marcas da Oralidade e da Ancestralidade nas Cartas

A primeira carta começa com uma saudação a Marianinho. Nesta carta percebe-se o respeito à ancestralidade e como a identidade tem raízes nos lugares vividos, construindo-se com as várias vivências do indivíduo em sociedade. Afirma o narrador:

Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si. (COUTO, 2003, p.56).

Com o passar da trama, Marianinho continuou recebendo as cartas, trazendo muitas revelações da vida dos parentes. Descobriu também que era seu avô que falava tudo o que estava escrito, e ele mesmo era quem escrevia as cartas. A ancestralidade está presente nesse processo, quando o munumuzana passa seus ensinamentos e se preocupa em reparar erros do passado para continuar protegendo sua família. Percebe-se a oralidade presente nestas cartas, em que o mais velho está passando saberes ao mais novo, pois essas cartas eram ditas pelo avô Dito Mariano ao neto. De acordo com Hampâté Bâ (2010, p. 169) “A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos.” É na tradição oral que o conhecimento e os valores culturais são transmitidos para as novas gerações, através da contação de histórias, das conversas e dos hábitos passados para os mais jovens.

Através das cartas que Mariano recebe ao longo da trama, ele vai descobrindo segredos da família contados por Dito Mariano. Argumenta o narrador:

Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos. (COUTO, 2003, p. 65).

Os segredos e ensinamentos passados pelo avô ao neto nas cartas, seguem as perspectivas da oralidade e ancestralidade, em que o avô entende que é preciso consertar os

erros do passado, para poder morrer, fazer a passagem, e a vida fluir em harmonia com a natureza e o sagrado. Argumenta Hampatê Bá:

Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana. A magia boa, a dos iniciados e dos ‘mestres do conhecimento’, visa purificar os homens, os animais e os objetos a fim de repor as forças em ordem. E aqui é decisiva a força da fala. (HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 173).

Descreve o narrador “Sem essas revelações você não cumprirá a sua missão de apaziguar espíritos com anjos, Deus com os deuses” (COUTO, p. 125). Nas cartas Dito Mariano sempre fala que o neto precisa salvar a ilha, além das revelações familiares ele faz menção a violência que chegou à ilha trazendo luto para o lugar, mas o avô tinha muitas revelações para fazer, durante muito tempo tivera amantes e entre essas amantes existia um amor, sua cunhada- Admirança, que tivera um filho com ela, e precisava antes de morrer, revelar esse segredo a Marianinho, pois ele era filho deles. De acordo com a tradição o munumuzana sabia que precisava fazer essa revelação, pois até o chão se fechou em seu enterro, parou de chover, a Nyumba Kaya começou a morrer. Observa Hampatê Bá (2010, p.177) “A tradição africana abomina a mentira. Cuida-te para não te separares e ti mesmo.” Neste momento da narrativa se observa a preocupação de Dito Mariano com as mentiras, em que pretende que seu neto o ajude a desfazer o mal. Afirma o narrador:

1738

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar: Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. (COUTO, 2003, p. 64).

Percebe-se que as tramas vividas por Dito Mariano precisavam ser reveladas para ele seguir a passagem da morte em paz. O romance finaliza trazendo a última carta do Dito Mariano para seu neto (filho), Marianinho, em que o mesmo fala, conforme o narrador:

Falaremos aqui, nesta sombra onde ganho dimensão, corpo renascendo em outro corpo. Você, meu neto, cumpriu o ciclo das visitas. E visitou casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome. Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e deságua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida. (COUTO, 2003, p. 258).

Dito Mariano continua falando sobre o lugar onde foi enterrado, na sombra da maçanqueira, na margem do rio Madzimi, onde ele revela que sempre rezou sob a sombra dessa árvore. Descreve o narrador “Foi por isso que sempre rezei sob esta sombra. Para aprender de sua eternidade, ganhar um coração de grande alcance. E me aprontar a nascer de novo, em semente e chuva” (COUTO, p. 259). Dito Mariano fala também que está em paz, pois contou todos os segredos. Descreve o narrador “Desfiz o laço da mentira”

(COUTO, p. 259). O mesmo fala da angústia que passou quando ainda estava na sala como morto, em estado de catalepsia. Afirmo o narrador:

Não acredita como me cansava aquela sala, como me fatigavam os visitantes que não paravam de chegar, fingindo tristezas. Onde estavam quando eu ainda era todo vivo e careci de amparo? Por que se juntaram, agora, em mostruário de choros e rezas? Não lhe parecia muito meio para pouco fim? Eu lhe respondo: O medo. É por isso que vieram. Tinham medo não da morte, mas do morto que eu agora sou. Temiam os poderes que ganhei atravessando a última fronteira. Medo que eu não lhes trouxesse as boas harmonias. (COUTO, 2003, p. 260).

Observa-se como as identidades dos personagens são enraizadas na ilha Luar-do-Chão, permanecendo culturalmente ligados à tradição africana. Percebe-se também povos de outras nacionalidades como o médico Amílcar Mascarenhas um indiano; os Lopes: Frederico e Conceição portugueses; o padre Nunes um português. Essas identidades se transformam com a convivência dessas populações, onde povos diaspóricos e nativos convivem na ilha, num mesmo espaço, com culturas distintas.

As Transformações da identidade na Ilha Luar-do-Chão

As perspectivas das identidades dos habitantes da ilha são voltadas para tradição cultural da África. A natureza é vista como ser vivo, que precisa ser cuidada e respeitada. O mal que entrou na ilha através dos traficantes fez derramar sangue inocente, o professor Juca Sabão, morreu assassinado pelos traficantes de drogas. A droga serviu de adubo para mãe terra, pois Dito Mariano e Juca Sabão enterraram toda a carga de cocaína, nos campos da ilha para fertilizar a mesma e se livrar da carga. Juca Sabão foi morto, sinônimo da violência que chegou à ilha. A ilha estava morrendo com toda essa maldade, a vida existente nela estava sofrendo. Conforme o narrador:

A chuva é só uma. É sempre a mesma chuva, apenas interrompida de quando em quando. A terra, assim fechada, é assunto que lhe escapa a si, aos bichos, aos vivos. Porque não tem causa de suceder. Só tem motivo de acontecer. Essa terra começou a morrer no momento em que começamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governam deixaram de amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte. É por isso que você me deve escutar. Me escute, meu filho. (COUTO, 2003, p. 195).

O acidente que aconteceu na ilha deixou marcas de tristeza no lugar, a natureza se agitou e sofreu junto com as pessoas que morreram afogadas, apenas sobreviveu um burro, levado por João Locomotiva para o padre cuidar na igreja. O acidente no barco “Vasco da Gama”, era o resultado da cobiça dos donos, que superlotavam o mesmo de pessoas e mercadorias, pensando apenas nos lucros. Descreve o narrador:

O rio ainda havia buscas, mas não restava esperança de encontrar sobreviventes. A tragédia acontecera nas primeiras horas da manhã. Os corpos se afundaram para sempre na corrente. O casco do barco, meio tombado, ainda flutuava. Sobre o fundo enferrujado, podia ler-se o nome da embarcação pintado a letras verdes: Vasco da Gama. Fazia ligação com a cidade e, como sempre ia sobrecarregado de gente e mercadoria. A ambição dos novos donos proprietários, todos reconheciam a meia voz, estava na origem do acidente. Sabia-se o nome dos culpados, mas ao contrário das letras verdes no casco, a identidade dessa gente permanecia oculta por baixo do medo. (COUTO, 2003, p. 99).

Essas pessoas que moravam na ilha apenas para retirar lucro das pessoas e se aproveitar das situações, como os donos do barco, aderiram ao sistema capitalista: eram os poderosos, em que os lucros vêm em primeiro lugar não importando as consequências. A natureza sofreu junto com os povos que foram afogados nesse acidente, sendo o símbolo da cobiça e da ambição do ser humano. Observa o narrador:

Quando o barco foi engolido pelas águas, o céu da ilha se transformou. Um golpe roubou a luz e as nuvens se adensaram. Um vento súbito se levantou e rondou pelo casario. Na torre da igreja o sino começou a soar sem que ninguém lhe tivesse tocado. As árvores todas se agitaram e, de repente, num só movimento, seus troncos rodaram e se viraram para o poente. Os deuses estavam rabiscando mágoas no fundo azul dos céus. Os habitantes se apercebiam que o que se passava não era apenas um acidente fluvial. Era muito mais que isso. (COUTO, 2003, p. 99-100).

O padre Nunes sofreu muito com esse naufrágio, ficando atordoado e procurando até o feiticeiro da ilha, Muana wa Nweti. O padre saía todos os dias para rezar a margem do rio Madzimi, ele vivia triste com o sistema religioso, sendo obrigado a perdoar os pecados, em confissão, de homens brancos. Nesse momento o padre lembra a mãe de Marianinho, o quanto Mariavilhosa sofrera com o aborto, ela foi abusada pelo português Frederico, ela sofreu muito e para se tratar precisava pegar o barco até a cidade, mas o barco só levava pessoas brancas ou marinheiros, então ela se vestiu de marinheiro para poder ter acesso ao barco. Tratou-se, e apaixonou-se por Fulano Malta se casando, mas a perda do filho que não tivera a fez adentrar o Madzimi sem volta. Marianinho ainda sofria quando relembrava a morte de sua mãe, e se perguntava como ela o tivera, pois ela não podia ter mais filhos depois do aborto?

Com o tempo Marianinho entendeu o que aconteceu, pois Dito Mariano lhe revelou a verdade, que era seu pai, e Admirança era sua mãe, seu grande amor secreto, mas com medo de Dulcineusa e toda a família descobrir essa traição, Dito Mariano falou que a criança era de Mariavilhosa com Fulano Malta, todos acreditaram, inclusive Mariavilhosa, pois a vontade de ter um filho era maior, e ela já apresentava problemas de saúde. De acordo com a tradição, Mariavilhosa ficou impura após o aborto, não podendo lidar com a comida, pois tinha que fazer rituais para se limpar. Ela foi definhando e Fulano Malta ainda guardava

antigos preceitos da tradição, se afastando um pouco dela. Observa o narrador “Sua impureza podia manchar a terra inteira e afligir a fecundidade da machambas. Minha mãe acabara sucumbindo como o velho navio de carga. Transportava demasiada tristeza” (COUTO, p. 231).

Os personagens desta narrativa se encontram com suas identidades em transformação, de acordo com suas vivências, oriundas das trocas de experiências. A identidade é moldada, transformando os indivíduos, com comportamentos adquiridos ao longo da história de vida de um povo. Fala Boaventura Santos (1994, p.119) “Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.” A ancestralidade e o sagrado fazem parte da vida desse povo, respeitando os ancestrais, que estão guiando os povos vivos. A irmã do coveiro Curozero, e filha do Juca Sabão, Nyembeti, uma figura bastante intrigante pelo comportamento, mas com uma identidade peculiar, com sabedoria dos ancestrais, ela representa a própria ilha Luar-do-Chão. Argumenta Hall (2019, p.12) “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias.” Marianinho voltando ao lugar onde nasceu, renasceu os costumes da tradição, agregando a sua identidade em formação. Observa Hall (2013, p.29) “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” Contudo o ser humano trilha diferentes situações em sua vivência, agregando saberes de outros lugares e de outras culturas a sua vida. Neste contexto se percebe como a diáspora insere indivíduos em outras realidades, oportunizando uma perspectiva ampla de outras culturas. Porém as memórias construídas podem sofrer rupturas em indivíduos cujo processo de autoidentificação se encontra em construção. A identidade está associada ao indivíduo e as suas interações em sociedade, podendo dialogar com diferentes situações e se transformar ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva da identidade na narrativa do romance - Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra (2003), do moçambicano Mia Couto, percorre os aspectos da cosmovisão africana, marcando uma trajetória da vida dos personagens principais, em especial, a construção da identidade de Marianinho é relatada com a agregação de experiências vividas pelo protagonista durante a narrativa, somando memórias em construção. Ele morava na cidade, adquirindo uma identidade de estudante universitário, se

afastando dos hábitos da ilha e agregando a cultura da cidade, então ele passa a ser um indivíduo diaspórico, assimilando outras culturas. A tradição é repassada pelos membros da família, em que eles têm suas responsabilidades e regras, sendo guiados pela ancestralidade. A identidade é influenciada pela tradição, ancestralidade e o sagrado, sendo moldada através das experiências de vida, percorridas pelo tempo.

A oralidade está presente nessa narrativa, através dos ensinamentos repassados, das conversas entre os familiares, das lendas representadas como o pássaro que trazia mal agouro, e se torna um presságio para os habitantes de Luar-do-Chão. As cartas recebidas por Marianinho nos remete a tradição oral, pois todas as frases que compõem elas foram contadas, reveladas através da voz do avô Dito Mariano, tornando-se texto, através da escrita do neto (filho). Contudo a tradição oral é percebida, não apenas na África, mas na cultura Ocidental se percebe traços de tradição oral presente nas famílias, nas escolas, enfim faz parte da vida na primeira infância, em que se transmite para as crianças costumes, valores étnicos através de histórias contadas.

A ancestralidade e o sagrado guiam os personagens na narrativa do romance. O respeito à natureza, está associado ao sagrado, ao Deus existente no universo, simbolizado pelos animais, florestas, rios, pela mãe Terra. Toda a natureza, e tudo o que é ser vivo e não vivo, está associado ao sagrado e a questão ancestral, trazendo uma sabedoria transmitida de geração a geração seguindo as tradições orais e suas culturas. Os lugares onde são enterrados os antepassados são sagrados na África, logo árvores e lugares tornam-se sagrados para os habitantes existindo uma amorosidade pelo espaço. A mãe Terra é sagrada, ela acolhe os vivos e os mortos.

Os indivíduos de diferentes identidades interagindo no mesmo lugar, podem agregar valores e costumes de outras culturas. Nesse contexto de acordo com a migração de Marianinho para a cidade, e seu retorno para ilha Luar-do-Chão, ele acumulou experiências vividas em lugares diferentes, exposto a outras culturas, adquirindo valores étnicos e costumes de outros povos, tornando-o um ser diaspórico de múltiplas identidades, construídas ao longo de vivências entre indivíduos de culturas e lugares distintos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K., 1949 – O Local da Cultura / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

COUTO, Mia: Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra / Mia Couto. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. Stuart Hall; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-12. ed. -Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart - Da Diáspora: identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al.]. – 2.ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev.- Brasília: UNESCO, 2010.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. A questão ancestral: África negra / Fábio Rubens da Rocha Leite. – São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

OTTO, Rudolf – O Sagrado: os aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal / EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa: Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade / Boaventura de Sousa Santos; 7. ed. – Porto: Editora: Afrontamento, 1999.

ZUMTHOR, Paul, 1915 – A Letra e a Voz: A “literatura” medieval / Paul Zumthor; tradução Amálio Pinheiro Pires Ferreira. – São Paulo: Companhia das Letras. 1993.